

AS LINGUAS E A LITERATURA (a propósito de Luandino Vieira)

Este combolo de Malanje... José Octávio, Cochal Octávio, António Carlos... não ignoram os temas em poesia, teatro, que aliás se reperce em muitos outros autores das modernas gerações de Angola.

A língua, tanto como a pá ou a canção, é um instrumento de trabalho... em Trás-os-Montes ou no Algarve não se sabe o que seja uma língua e porque numa e só há necessário deparar a canção do apear ou um cacho de

FOR Roby Amorim

bananas, aguçar oitão a graminha frida, demorar o cacho de uma serra, rena.

Novas palavras foram, assim surgindo no português, que um bardo ereto e muito pouco civilizado de certas terras desbravadas do litoral, afastado de as condições locais do Brasil, de Cabo Verde, de S. Tomé, de Angola. Mas as palavras não foram para formar uma língua, falá-las e ligá-las interna que se usa entre si e que se denomina gramática. Coisa que os escritores cavalheiros tentam codificar de tanto em tanto anos, mas que, ao mesmo tempo que escrevem as suas regras se vão metamorfoseando, ganhando novas capacidades de expressão, adaptando-se a novas condições.

Língua. A literatura recai sobretudo no adjectivo que, de século para século, ganha novos significados. Por isso adjectivos gramaticais, sobretudo adjectivos, e por vezes, substantivos explicam-se por si próprios, ex-

plícando, simultaneamente, as realidades sociais que os originam.

Pára a formação de uma nova língua, há necessário que escritores tendam debruçar-se sobre as realidades antropológicas e sociológicas dos povos que retratam, afirmando que uma cultura literária que, em si própria tende a ser acadêmica, imperada, pouco adequada a novas condições — numa palavra: morta.

Em Angola, neste momento, estão em formação duas línguas como uma literatura, uma e outras resultados do regime económico, dos sistemas de trabalho, da organização social; que se podem considerar equivalentes em Ca-

(Conclui na 7.ª pag.)

APONTAMENTOS SOBRE JORGE AMADO

Por CASIMIRO DE BRITO

As ideias e o estilo, a acção e a referência, a crítica e a técnica, têm-se acompanhado na obra de Jorge Amado. A sua própria vida tem sido a de escritor militante, na verdadeira acepção da palavra, nos seus dois períodos: literária e a militância. O primeiro livro é político, ainda quando pretende ser apolítico — o que é uma atitude política. Tudo é uma questão de graduação, e esta é determinada por cir-

paridade da sua obra, no tratamento sob outros ângulos dos seus personagens, temas, estrutura mais funcional, agora mais humana e portanto mais distantes do conceito romanesco de herói.

Menos estimulado pelos conflitos das massas, Jorge Amado aproximou-se mais de uma literatura real, e assim escreveu, ainda desenvolvidos (da invação do morro do Mata Galo, obra, típica desta fase difusa da sua obra), alguns porém sob um signo bem observado de fidelidade. As suas personagens não são recíprocas, embora nem de actuaõs extracção social, quase não actuaõs sobre a sociedade em que vivem. Preocupação mais com problemas pastorais, religiosos ou de s.m. pois alheamento — a. de certo mo-

do, as suas bases materiais são afluídas, a coisa acontece simultaneamente, entra em campo a nova ficção, que Jorge Amado, explora com virtuosismo, dos camérgos do povo, ao mesmo tempo, as preocupações com o seu perfil político. E se o povo parece sair um pouco vitorioso desses conflitos, o escritor não se dá conta de que se pararmos com a vitória almosos dos seus camérgos.

Dois personagens continuam sendo figuras típicas de uma certa estrutura económica, da sociedade em que se moveira fase da sua obra eram capazes de se emancipar, de se afirmar contra uma sociedade marginal, o negro António Balduino e cabó Martim não têm nada que ver um com o outro, e a mesma coisa acontece com os personagens dessas infâncias-humanidades des mortos da Baía. Partindo de uma estrutura tipológica semelhante da primeira fase da sua obra (terminada com «O Subterfugio da Liberdade», de 1951) desenvolve a segunda fase (conhecida em 1958 com «Gabriela, Cravo e Canção») uma preferência da psicologia à sociologia, do humorístico ao dramático, do folclórico ao mórbido. As personagens não se pegam — libertizam, libertizam, libertizam — e a primeira prática mágica e religiosa, menos do que profético — mas a sua atitude, a sua vida, a sua maneira de encarar o mundo, a sua maneira de encarar a vida e a maturidade de um escritor não se consegue sentir pelo texto, insistente da literatura e da vida.

Vem estas considerações a propósito do último livro de Jorge Amado, «Os Pastores da Noite» (1). Livro de um escritor feito, militante, e por isso, escrito com uma liberdade, um a vontade que não esconde a armadura, sua armadura, que os escritores experientes sabem doar de um humor enervante. O cenário é aliado e sempre a cidade da Baía com seus mirros, rios, invocações de gentileza, com seus vaquinhos e políticos oportunistas, com o clorido da sua miséria e seus cultos afro-brasileiros. Os personagens são também os mesmos, agora com outros nomes: Jesusito Galo Doido, negro alano, Curú, cabó Martim Balduino, sua mulher — mas Jorge Amado não é o mesmo homem. O seu amor ao povo é grande, mas a sua experiência existencial a ver seus envelhecidos com outros olhos. Povo e escritor encontram-se assim mais próximos da realidade.

(1) Editora Martins, São Paulo, obra a sair em Portugal em edição de Publicações Europa-América



Nascido em Luanda, José Joaquim Rodrigues encontra-se, desde há tempos na metrópole, sendo assistente da Escola de Belas Artes do Porto cujo curso frequenta. Uma exposição sua foi hoje encerrada nas galerias Artistas, da qual cidade, onde apresenta desenhos de um grafismo de qualidade excepcional, como tem vindo a fazer a sua presença. O catálogo continha um prefácio curioso do poeta Eugénio de Andrade.

AS LINGUAS AFRICANAS DE CABO VERDE E MOÇAMBIQUE

mas da África, mas também do Brasil e, mais recentemente, da Espanha, apresentara outros trabalhos sobre os homens e as questões do Continente Negro, lembrando-se um dos seus estudos.

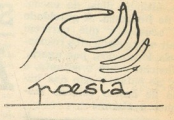
FOR Mário Frugoso

primeiros estudos, «Literatura Colonial», apareceu em 1926, isto é, há perto de quarenta e seis anos.

A primeira impressão que nos oferece esta «Literatura Africana» é a de uma grande actualidade, que se mantém desde 1963. Aliás, são diversos aspectos, a sua importância actual, visto que os últimos acontecimentos vieram confirmar tudo o que José Octávio de Oliveira caracterizava há mais de duas décadas de anos. Com efeito, o próprio título do volume já é significativo, sobretudo nesta época em que tudo o que sucede não se nega à África, ainda que o coordenador accentuasse a sua condição portuguesa — os falvos por isso. Vem de longe o nosso interesse por aquilo que chamamos Literatura Africana, que não é de estranhar em quem não somente é português, como procura manter a sua sensibilidade intelectual contra a influência das culturas europeias, não dispense de um povo que compreende e simpatiza com todos os outros, por mais estranhos que eles fossem. Todavia, ainda ainda, o livro «poder-se-ia intitular, também, por isso: Literatura da África Portuguesa». Deslocando as dificuldades que teve de vencer para organizar o volume, que foi dos primeiros, serão o primeiro do género editado em Portugal, arduamente o escritor que aqui, há chamara Antologia porque essa título presunha um conhecimento integral

que não possuimos, nem é possível possuir neste capítulo, em que a matéria está dispersa e deve ser, mesmo, em parte, ignorada. Daqui que podemos descobrir (apesar de tão pouco, com tanta dificuldade) por não haver, em Portugal, bibliografias nem catálogos (hebraicos), escolhemos, aliás, mais vezes, o que nos pareceu, ao mes-

(Conclui na 7.ª pag.)



PROGRAMA

Desrua: — destruí é o começo de uma nova construção. — nas amestradas — sangue seguro de vida forte. — rizes mortes de vida morta. Passados tempos, há flores e frutos. Desrua: —

Haja começo de uma nova vida!

ANTÓNIO CARROHO (1951)

OS POETAS E A CULTURA

Os homens, todos os homens, nascem, nesta Terra em que habitamos, numa absoluta igualdade de direitos. Os homens, seja qual for o continente em que habitem e seja qual for a época da sua vida, não estão da mesma maneira desiguais. Todos possuem as mesmas possibilidades de acesso à cultura e à civilização. Todos são iguais, pelo menos quanto à natureza da sua existência, e todos são iguais, pelo menos quanto à natureza da sua existência, e todos são iguais, pelo menos quanto à natureza da sua existência.

omos querer ignorar. A verdade é que, a par das novas civilizações modernas, cara-criadas por um enorme despendo, há civilizações que são antigas e são sempre abecado da Natureza, existem outras onde a vida é ainda ancestral, num regime de total dependência para e as forças livres e despotismo da Natureza. Faltava por vezes que tais povos, chamados primitivos, há muito desaparecidos, fossem conhecidos e estudados.

(Conclui na 6.ª pag.)

Poesia Experimental:

«Poesia Experimental, colectânea incluída na série antológica organizada por António Augusto e Herberto Helder, vem a público com o propósito, explícito de pôr à prova o concreto de Max Jacob: «A poesia moderna rompe com todas as explicações; e outros conceitos mais incluído o de Carl Sandburg de que a poesia é combinação cínica de sílabas estranhas. A prova é vista e inevitavelmente curiosa. Não se compreende bem se servirá para alguma coisa, porque se a poesia é uma coisa ter de servir a poesia se o que é ser: a de comunicar poesia. Mas a poesia é uma aventura verbal ou até mais simplesmente formal: a de forma gráfica de letras e palavras», e

experimentalmente à que não se propõe nem se sugere qualquer sentido, parecem inserir-se numa vasta e inquietante dissolução que tem neste caso como vítima um género de concreto de Max Jacob: «A poesia moderna rompe com todas as explicações; e outros conceitos mais incluído o de Carl Sandburg de que a poesia é combinação cínica de sílabas estranhas. A prova é vista e inevitavelmente curiosa. Não se compreende bem se servirá para alguma coisa, porque se a poesia é uma coisa ter de servir a poesia se o que é ser: a de comunicar poesia. Mas a poesia é uma aventura verbal ou até mais simplesmente formal: a de forma gráfica de letras e palavras», e

ALVARO SALEMA

ABC

Antologias Universais — As Grandes Viagens Portuguesas, I Série

André Falk — Visto para a Arábia

Judith Navarro — Os dias selvagens (Col. Século XX)

F. L. Mueller — A Psicologia Contemporânea (Saber, 58)

Ereasto Lino — O Homem que comia névoa (Col. 3 abelhas)

Fidelino Figueiredo — Símbolos e Mitos (Est. Documentos)

Roger Bourgeois — O Filho de Ben Hur

Anne Philipp — O Tempo de um suspiro

Jorge Semprun — A Longa Viagem

Richard Lewinson — História Universal do Coração (Col. Vida e Cultura)

Charles-Noël Martin — Descoberta do Universo (Col. Vida e Cultura)

CARTAS DE AMOR AOS BEATLES

Espões em acção — Antologia

Erskine Caldwell — Dois negros em Estêrvale

AGENDA DOMÉSTICA 1965

ALMANAQUE BERTRAND 1965

RIBALTA — Caderno N.º 1

LIVRARIA ABC

Largo D. João IV — 17/18

C. P. 1245 — LUANDA

LETRAS AFRICANAS

(Conclusão da 3.ª pag.)
 no tempo, mais típico e literarizante... apresentar esta colectânea como uma selecção, pois nem sempre houve lugar para aquela, tendo que aceitar o que nos apressa, à falta de melhor. Referimo-nos às próprias manifestações da imaginação literária do gentio e às transcrições que delas pudemos obter.

Acompanhando, diversos africanos... ao longo do seu prefácio usual, recetiva, pois nem sempre houve lugar para aquela, tendo que aceitar o que nos apressa, à falta de melhor. Referimo-nos às próprias manifestações da imaginação literária do gentio e às transcrições que delas pudemos obter.

De José Osório de Oliveira a Maurício Delafosse, que diz ser um dos mais músicos, outros cantores poetas, recitadores, mimos, dançarinos ou bailarinos, havendo outros cuja missão é a de guardar, de memória, as genealogias das famílias nobres, os atos feitos das grandes personalidades, os mais dos Estados ou das tribus, os costumes jurídicos ou sociais nos trechos religiosos, transmitindo-as aos seus descendentes. E mais adiante Delafosse esclarece ser curioso verificar que os povos da África não possuem bibliotecas, perpetuando gerações sucessivas de «livros vivos», cada um dos quais acrescenta algo mais à herança recebida. Os primeiros autores têm ao seu alcance relatos históricos e códigos do mesmo que nós há poucos mais, e são circunvoluções literárias, e não no papel, que se acham impressos os seus autos e leis. Finaliza Maurício Delafosse — também há profissionais, que são os «gritos», cantores, poetas, recitadores, mimos e bailarinos. Encontramos igualmente «músicos», visto que muitos negros de todos os sexos, sem pertencem a uma casta especial, propagam, modificando-as, as fábulas que ouviram con-

tar aos «gritos», o que inventam ao sabor da sua fantasia.

Acompanhando de perto a introdução de José Osório de Oliveira, temos a «chave» dos textos que reunii na sua «Literatura Africana», todos de ambiente negro e quase sempre de origem negra, isto é, transmitidos pelos «gritos» através dos séculos. Abre a colectânea um conto popular «do gentio que mamou na bura», da Ilha do Povo (Cabo Verde), de inspiração céptica, recolhido por Oliveira, e mais um braso, mas escrito, ou melhor, misto, sendo ainda inédito que a nível lógico, continuo a processar-me no sentido crítico.

Nos textos seguintes, relativos à Guiné (de Fa criola, bijagos, manjacos, mandingas e fulas), há outro aspecto interessante que julgamos oportuno destacar: alguns deles (3 num total de 7 que aparecem na «Literatura Africana») foram recolhidos por M. Marques de Barros (em «Literatura dos Negros — Contos, Cantigas e Parábolas», Lisboa, 1960), autor que deve assegurar a emissora verdadeira título e original como os textos contam as suas histórias: «imaginem os leitores uma contista (em regra são as mulheres) que, fazendo girar entre os dedos o seu fuso, começa em tom compassado uma história pelas palavras sacramentais: «Era, era...». A contista espera, então, que os ouvintes lhe concedam licença, e dêem provas de confiança com estrofas pelas palavras igualmente consagradas: «Era, há certo, o que, traduzido em português, quer dizer: «Era uma verdadeira história. Concedida à palavra a contista dá princípio, sem apelo, à narração, sempre em linha recta, sem divagações, sem ornatos, a seco, até final; e apenas se permite fazer descrições como parte obrigada, e quando se faz é sempre dum traço, como uma pincelada de Apelles, ou com dois e três traços como uma pena de La Fontaine, etc. E, com quem tem plena confiança no critério dos seus ouvintes, não faz comentários, nem tira, antes de depois, a moralidade do caso narrado... Em compensação, os ouvintes, sem nunca interromper a contista, tomam a liberdade de fazer, uma vez ou outra, os seus apertes, por gestos, por exclamações de aprovação, ou de censura, por interjeições de admiração e de empujo, por palavras ou frases curtas, que muitas vezes valcm um diálogo. De declarava ainda M. Marques de Barros que se «histórias», e uma vez ouvidas, nunca mais esquecem. «Alguns são um verdadeiro primor

de forma e de imaginação oriental, e as quais não por muito que nos referenciamos, não poderiam dar ideia a mais remota ideia.

A sugestão de La Fontaine faz-nos regressar aos folclóricos, que nos seus trabalhos têm achado muitos paralelos entre os contos de várias regiões africanas e europeias, comparação que levou Henri A. Junod, após estudar a vida dos banús, a sugerir três explicações: 1) as histórias provêm da humanidade primitiva e todas as raças as conservaram através as migrações; 2) a obra havia sido contada, e foi copiada, em as diversas raças humanas, graças aos quais os contos foram transmitidos; 3) a mentalidade das diferentes raças era tão semelhante, na fase primitiva, de seu desenvolvimento, que há a se inventarem as mesmas histórias, as mesmas histórias. Três hipóteses sobre as quais é evidente não há acordo entre os etnógrafos.

Além, no caso dos portugueses, é inevitável que certos contos passaram dos europeus aos africanos e voltaram, após adaptação à realidade local. Mas nem todos é claro, havendo alguns textos cuja origem se perde na memória do tempo. E o que permanece é a beleza e o conceito, das histórias, como a «Cantação de Iana», de São Tomé, ou, com relação a Angola, os textos recolhidos entre os povos de Luanda, Lunda, Loandas, Ganguelas e Nianecas, e em Moçambique, junto dos tongas do sul do Save e da Zambézia ou entre os vixanas, Junos e igualmente no volume de «Literatura Africana» quatro textos afro-brasileiros (Fábulas de Sergipe e Pernambuco, recolhidas por Silvio Romero), o que garante ao trabalho de José Osório de Oliveira a dimensão, brasileira e completa, do trajecto Portugal-Africa-Brasil.

(1) Edição da Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1962.

LEIA * ASSINE E DIVULGUE «ABC—Diário de Angola»

Direcção dos Serviços de Portos Caminhos de Ferro e Transportes

DIRECÇÃO DA EXPLORAÇÃO DO PORTO E CAMINHO DE FERRO DE LUANDA
 SERVIÇO DE ARMAZENS
 CONCURSO PÚBLICO N.º 19/CA/64.
ANÚNCIO

Nos termos das instruções para adjudicação de obras públicas e fornecimento de materiais nas Províncias Ultramarinas, aprovadas por Portaria de 20 de Outubro de 1900 e alterações, posteriores, se faz público que no dia 15 de Dezembro de 1964, pelas 15 horas, no gabinete do engenheiro-chefe do Serviço de Transportes, perante a Comissão para esse fim nomeada, se realizará o Concurso público N.º 19/CA/64.

- Electrodos para aços de construção:
- 25 000 — Electrodos de 3,25mm
 - 20 000 — Electrodos de 4mm
 - 15 000 — Electrodos de 5mm
- Electrodos com alma de níquel
- 1 000 — Electrodos de 4mm
- Electrodos para enchimento de grande dureza, dureza Brinell de 600
- 2 000 — Electrodos de 4mm.
 - 50 — Kgs. de liga para soldar.

O programa do concurso e caderno de encargos encontram-se patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente até à véspera do dia do Concurso, na Secretaria do Serviço de Compras e Armazens.

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar na Tesouraria desta Direcção de Exploração, até às 14 horas do dia da sua realização, o depósito provisório de Esc. 1250000 (MIL DUZENTOS E CINQUENTA ESCUDOS) mediante cuja duração pelo Serviço de Compras e Armazens em qualquer dia útil e durante as horas de expediente.

Exploração do Porto e Caminho de Ferro de Luanda em Luanda, 4 de Novembro de 1964.

O ENGENHEIRO DIRECTOR DA EXPLORAÇÃO,
 Luis Henrique Freire dos Abreu

UMA LINGUA QUE NASCE

(Conclusão da 3.ª pag.)

blinda ou em Moçambiques, em Luanda ou no Quando-Cubando, e que justificam uma unidade desta Angola diversa, sãcida em raças, linguas, climas e condições geográficas.

Na nova literatura e na nova lingua que surgem estão presentes duas constantes, embora uma seja largamente superior à outra: a cultura e a literatura europeias que os portugueses trouxeram consigo, e a cultura e as linguas locais, que os primeiros africanos nutriram muito debilmente, mas os se, guardadas, nunca mais esquecerem. «Alguns são um verdadeiro primor

de a nascer é pujante, vivo, sobretudo jovem e cheio de ambições, como é natural a toda a juventude.

Um dia desses, um intelectual brasileiro, muito animadamente, inquiriu de Gaspar Simões (reportagem) — uma entrevista concedida por Joel Serrão ao «Diário de Luanda» — se a actual literatura portuguesa não seria póssima. Isto, que por um lado significa um desconhecimento, do outro lado do Atlântico, do que hoje se está a fazer em Portugal, explica, por outro, a arrogância de uma literatura jovem, cheia de vitalidades e certezas presentes, que se interroga quanto a uma literatura condicionada por tanta circunstância.

ela que só muito dificilmente consegue corresponder a exigências e as realidades do seu tempo.

O condicionalismo geral da actual cultura portuguesa, não obstante as excepções em contrário, justifica aquela interrogação, para nós doutora.

O factor principal numa literatura é estar se capaz de descobrir um sentido de vida social. Tal sentido está reduzido: gramatical, literária, linguag. Quando «Uma Língua que Nasce» faz mais que repetir a mesmice que enlucosce a gurguremas de Eugénio, de certo se sente a necessidade de algo mais acontecesse para o aparecimento de uma literatura que se pudesse chamar angolana.

Abraços um parêntese para estas explicações pertinentes referentes ao Regionalismo. Camilo Reisitor quase exclusivamente o Entre-Douro e Minho, Aquilino de Almeida, mas ambos se aviam possivelmente de uma consciência e sentimento de uma lingua que, vivida embora de longe, amadurece, era funcional para todo o contexto metropolitano. Um assinal de Boaventura — por quem retemos a maior amizade pessoal — não conseguiu acederem da cante de seu editor regionalista, incluindo como só a visão de um estilo de vida pura, sentido humano. Os exemplos, escuocidade ao acaso entre concenções e po, sem tornarem extensivos se se explic, quer que Wenceslau de Moraes não é um escritor japonês, por muito que tenha voltado a pesque nipónico, mas em português; nem Castro Boremanho um consensado da literatura angolana, por mais que tenha escrito sobre o, as realidades europeias dos tropicos, os africanos na visão europeia.

Os dois termos do binómio são imprecisamente: uma lingua com destilada própria e adaptada ao seu condicionalismo ao social.

Foi precisamente a conjugação destas duas forças que nos permitiu conseguir alcançar no seu «Luanda» que, em principio deveria justificar este es, mas necessariamente breve, mas que desarrada e pouco inteligível, enquanto alheia forçou a deixar um tanto de espaço para explicar a existência de um pensamento que se considerava suficiente explicação, embora não para os que não são capazes de analisá-lo. Além disso, muito embora, a posição de juízes em matéria na qual só misteram a própria foto — como, admittem — por necessário (e em pagamento) político.

PARA O BOM CONHECEDOR...

uma prova de classe e de bom gosto

LUCA ESPECIAL

GRANDE UZCO FICÇÃO 1961

uma prova de classe e de bom gosto

LEIA * ASSINE E DIVULGUE «ABC—Diário de Angola»